



ID: 54661699

03-07-2014

**CRONOLOGIA**

**21/05/2014**  
**Aumento de capital**  
A publicação do prospeto relativo ao aumento de capital de 1045 milhões de euros do BES revelou que a auditoria pedida pelo BdP às contas da Espírito Santo Internacional apurou irregularidades. A ESI não registou 1,2 mil milhões de dívidas nas contas de 2012, além de ter capitais próprios negativos de 2,5 mil milhões. No mesmo dia, o "Expresso" noticia que a administração do BES iria mudar até 30 de junho.

**22/05/2014**  
**Salgado assume erros**  
Em entrevista ao "Negócios", Ricardo Salgado admitiu que "todos" cometeram erros e que "a crise bateu forte no grupo". Ainda assim, por esta altura, recusava demitir-se.

**11/06/2014**  
**Procura supera oferta**  
O aumento de capital foi totalmente subscrito, com a procura a superar a oferta.

**17/06/2014**  
**Negociações suspensas**  
As novas ações começam a ser negociadas. Três dias depois, o regulador suspende as negociações, até que fosse divulgada informação sobre a saída de Salgado da liderança do BES. Nessa tarde, é publicada a convocatória para a assembleia geral da instituição, que aponta Amílcar Moraes Pires como o nome proposto para substituir Salgado.

**01/07/2014**  
**Rutura total**  
José Maria Ricciardi vende a quase totalidade da sua participação no BES, ficando apenas com 100 ações. Já perto da meia-noite, Salgado comunica a sua saída da administração do BES1.



Otávio Azevedo deixou a PT



Zeinal Bava, CEO da PT Portugal e Oi

# Ajuda da PT à RioForte gera "desconforto"

O INVESTIMENTO de 897 milhões de euros da Portugal Telecom (PT) na RioForte gerou "desconforto" nos acionistas da Oi, com que se está a fundir. A confirmação veio de Otávio Azevedo, presidente da brasileira Andrade Gutierrez, que esta terça-feira abandonou o conselho de administração da PT, com Fernando Magalhães Portella (Telemar). "Já tinha planos de deixar ao conselho. Ao sentir-me desconfortável por ter tomado conhecimento da operação, que não é pequena, apenas quando foi divulgada por comunicado à imprensa, achei que era hora de sair", disse Otávio Azevedo, acionista de referência da Oi, ao "Valor Econômico", garantindo que o conselho de administração não foi consultado nesta operação.

"O elevado investimento da PT na RioForte é discutível e poderá ter gerado uma divisão interna em plena fase de fusão", com a demissão a "ser apenas o primeiro sinal

dessa divisão", diz Steven Santos, analista da XTB. Situação que adensa as preocupações do mercado com o vencimento da aplicação, argumenta. Até 17 de julho o BES tem de pagar à PT 900 milhões de euros. "O que parecia ser um investimento de curto prazo e de baixo risco poderá transformar-se num pesadelo para a PT", diz.

A atual situação do BES - que detém 10% da PT e subscreeu o memorando de entendimento da fusão - também poderá impactar a operação. José Maria Ricciardi

(apontado para a futura administração da CorpCo) vendeu a totalidade das ações no BES e quer afastar-se do GES. "A sua postura disruptiva afeta a posição do BES enquanto acionista estratégico da PT no contexto da fusão", diz Steven Santos.

Albino Oliveira, da Fincor, desvaloriza. "Trata-se de um tema específico do BES, e principalmente do GES", diz. Com o aumento de capital da Oi concluído, a "fusão entre PT e Oi já vai numa fase adiantada". Quanto à saída dos acionistas brasileiros da administração da PT, estes irão ser funções executivas na CorpCo. Esta, lembra, vai deter 100% da PT e será quem "decidirá futuros investimentos, tal como ocorreu no papel comercial de RioForte, bem como sobre o mesmo".

As ações da PT fecharam a recuar 3,14%, para 2,47 euros. Já as da Oi, até ao fecho desta edição, caíram cerca de 3%, para 1,77 reais.

ANA MARCELA



**FLASH//DEPÓSITOS ESTÃO SEGUROS**

# "Não há problema no BES, a haver será com acionistas"



Alberto Castro Diretor do Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da Católica do Porto.

**Os depósitos no Banco Espírito Santo estão seguros?**

Acho que sim, estão seguros. Logo à partida, o BES cumpre todos os rácios impostos pelo Banco de Portugal (BdP) e todos os indicadores - auditorias e avaliações externas - indicam a sua solidez. O próprio BdP tem tranquilizado, dado garantias. Mas mesmo que algo acontecesse, existe um seguro, o Fundo de Garantia de Depósitos, que garante até cem mil euros por titular e por conta. Mas a questão dos depósitos é secundária, dado que o banco cumpre - e não há razão para duvidar - todos os rácios prudenciais. A questão dos depósitos não se põe. Não há um problema com o banco, os problemas que poderão existir serão com os acionistas.

**E quanto a aplicações financeiras, estão seguras?**

Obedecem a procedimentos definidos, como a avaliação do perfil de risco de quem compra. Não há nenhum indicio de que esses procedimentos não estejam a ser escrupulosamente cumpridos.

**O BES poderá ser um novo BPN ou BPP?**

Não me parece. Nos casos do BPN e do BPP, havia um problema nos bancos; neste caso é um problema de acionistas. Os acionistas poderão, por causa dos seus problemas, ter necessidade de dispor das suas participações - vender ou dar como garantia, por exemplo. Desde que não haja

um conflito de interesses entre o acionista e o banco, que não haja negócios que possam pôr em causa a solidez do banco, não me parece que seja uma preocupação. A dívida do acionista não é extraordinária e não há razão para admitir que não seja honrada. Quem dera ao BES - e aos outros bancos portugueses - que o problema fosse só esse. **As medidas do Banco de Portugal garantem a solvabilidade do BES?**

O Banco de Portugal tem imposto aos bancos portugueses um conjunto de rácios acima até do que é exigido pelo Banco Central Europeu. Hoje, a nossa banca é bem mais sólida do que muita outra banca europeia. E o Banco de Portugal, em vez de deixar arrastar uma situação que poderia criar ambiguidades, tem optado por intervir, de modo a tranquilizar os investidores.

**A intervenção do BdP imunizou o BES de contágio pelos problemas do Grupo Espírito Santo, da família, e do BES Angola?**

Sobre Angola, não tenho informação. Sobre o acionista [o Grupo Espírito Santo], entendo que sim.

**A eventual entrada do Estado da Venezuela no capital do Grupo Espírito Santo é positiva?**

Não é o acionista que mais me entusiasma, se a empresa fosse minha. Mas embora envolva um Estado, que tem crédito sobre o Grupo Espírito Santo, é um negócio privado. Ou estamos no mercado ou não estamos; e se estamos, é um negócio privado.

ALEXANDRA FIGUEIRA

# Risos de Passos incomodam Jerónimo

**NÃO FOSSE** Jerónimo de Sousa e a crise do BES teria passado, ontem, totalmente ao lado do debate do Estado da Nação, no Parlamento. Na sua intervenção final, do alto da tribuna, o secretário-geral do PCP referiu-se à situação que o banco privado português atravessa. "O que se passa com o BES, como já haviam demonstrado BPN, BPP, Banif, BCP, são não apenas prá-

ticas obscuras, de manipulação de contas e do mercado ou de fuga e evasão fiscais, com a passividade do Banco de Portugal, mas ligações tentaculares de domínio económico e político, numa inadmissível promiscuidade para obter apoios públicos, perdões fiscais e toda uma panóplia de benesses e favorecimentos para os seus negócios", disse, apelando a que "não se repi-

tam os episódios do BPN e BPP, nacionalizando os prejuízos". Na bancada do Governo, o primeiro-ministro Passos Coelho riu-se, o que motivou uma reação de protesto do deputado do PCP. "Ri-se? Tenha sentido de responsabilidade", disse-lhe Jerónimo, aludindo a que os risos do primeiro-ministro "podem custar caro aos portugueses". Também o deputado do BE,

Pedro Filipe Soares, confrontou Passos Coelho com a "bomba-relógio" do BES. "Há ou não há um novo BPN a configurar-se, agora com um buraco três vezes maior?", questionou, ficando sem resposta. Também António Filipe, do PCP, aconselhou Passos Coelho a não se rir na cara dos portugueses. PS, PSD e CDS remeteram-se ao dilénio sobre o caso. ●

RICARDO JUNIOR / GLOBAL IMAGES